

PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES FRENTE À CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

RESUMO

O presente trabalho visa compreender e demonstrar como a psicologia das Emergências e Desastres tem contribuído na construção das estratégias de enfrentamento dos sujeitos acometidos por situações de desastres. Tem por objetivo geral compreender através da literatura científica qual a relevância das estratégias de enfrentamento nos casos de emergências e desastres e por objetivos específicos verificar como que as estratégias de enfrentamento auxiliam o sujeito a passar por situações de desastres do ponto de vista pessoal; analisar a importância do suporte social nas situações de emergência e realizar um levantamento através da junção das intervenções do psicólogo atreladas às estratégias de enfrentamento do sujeito. O método aplicado foi revisão sistemática de literatura, através de pesquisa qualitativa e exploratória utilizando-se de livro, artigos científicos e cartilhas do CFP com os temas relacionados aos objetivos da pesquisa.

Palavras-chave: Psicologia. Estratégias de Enfrentamento. Desastres. Emergências.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia das Emergências e Desastres são acontecimentos que ocasionam tragédias. Muitas vezes resultam em mortes e provocam sofrimento devido as consequências provenientes desses eventos. As estratégias de enfrentamento surgem como uma nova perspectiva de superação, auxilia na adaptação de um novo contexto, utiliza suas dificuldades como ponto de partida para lidar com os eventos estressores existentes. Para encontrarmos estratégias de enfrentamento e tentar minimizar o sofrimento passamos pela fase do luto. As perdas são de forma singular para cada sujeito enlutado, não estamos lidando somente a morte, ainda mais num contexto de desastres que existem vários fatores vivenciados pelos sujeitos, como sofrimentos psíquicos, físicos, novas doenças devido à tragédia, perda de vínculos sociais e perdas de bens materiais.

O presente trabalho visa compreender e demonstrar como as estratégias de enfrentamento têm contribuído com os sujeitos afetados por situações de desastres. Tem por objetivo geral compreender através da literatura científica qual a relevância das estratégias de enfrentamento nos casos de emergências e desastres e por objetivos específicos verificar quais e como as estratégias de enfrentamento auxiliam o sujeito a passar por situações de desastres do ponto de vista pessoal; analisar a importância do suporte social nas situações de emergência e realizar um levantamento através da junção das intervenções do psicólogo atreladas às estratégias de enfrentamento do sujeito.

O problema de pesquisa que guiou a construção deste artigo foi: afinal, como a literatura científica identifica e descreve essas possíveis estratégias de enfrentamento nos casos de emergências e desastres? Verificamos que algumas pesquisas apontam cinco das estratégias de enfrentamento mais usadas, tais como: procurar integração social, meditar, minimizar a ameaça, busca pela religião e procurar informação. A interpretação de forma singular do evento leva em consideração os fatores psicológicos, cognitivos e sociais, como recursos individuais de cada sujeito.

O interesse por esse tema surgiu em razão de inúmeros casos divulgados na mídia sobre a ocorrência de tragédias, sendo estas tanto de ordem natural, como provocada pelo homem e devido à carência de informação na graduação, sobre a atuação do psicólogo em casos de emergências e desastres. Essa pesquisa propõe que a sociedade desenvolva estratégias de enfrentamento tendo como subsídio as novas informações e os conhecimentos que serão adquiridos e que possivelmente auxiliarão nas ocorrências desses eventos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DESASTRES E EMERGÊNCIA

Para melhor compreensão do assunto serão abordados alguns conceitos ressaltando-se que é muito frequente o conceito de desastre ser associado a catástrofes e acontecimentos

naturais, entretanto, vai muito mais além do que acontecimentos produzidos pela natureza. Em resumo, são resultados de eventos que podem tanto ser produzidos pela natureza, quanto pelos homens.

O CFP (2006) define Desastre como:

Eventos extraordinários, que originam destruições consideráveis de bens materiais e podem ter como resultado mortes, lesões físicas e sofrimento humano. Esses fenômenos podem ser lentos ou repentinos, naturais, como enchentes, inundações, terremotos, furacões, ou podem ser produzidos pelo próprio ser humano, como as guerras, o terrorismo, incêndio, contaminação química ou nuclear ou vandalismo social, uma nova forma de desastre humano.

Conforme Machado e Moraes (2017), independente da causa do desastre, seja ela de forma natural ou tecnológica, ambas causam sofrimentos, pois tem como consequências a perda de bens materiais e vidas humanas. Os impactos do desastre podem ser vividos pelas pessoas ou comunidades acometidas diretamente pelo desastre ou de forma indireta, por aqueles que presenciam, através da mídia e outros meios de comunicação, tendo impactos de médio e longo prazo.

Do ponto de vista individual e coletivo, para Melo e Santos (2011) os desastres, tragédias, catástrofes, sempre foram usados como sinônimos no que se refere a eventos destrutivos, como a seca, as chuvas, os deslizamentos são exemplos de fenômenos naturais que a depender da vulnerabilidade do local atingindo, tornam-se desastre.

“Desastres e emergências são eventos desencadeadores de estresse pela exposição a um perigo imediato à integridade física e emocional das pessoas envolvidas, requerendo assim ações imediatas.” (WERLANG; PARANHOS 2015). O desastre tende a mexer com a fragilidade do indivíduo, ocasionando desamparo vinculado a traumas, tanto para os sobreviventes quanto para os familiares que perderam seus entes na tragédia.

Conforme Melo e Santos (2011), os desastres atuais tem sido de grande impacto, muitas vezes para uma nação visto que, com o avanço da tecnologia, em questões de segundos a calamidade que atinge uma comunidade e afeta as pessoas, causa impactos em alguém do outro lado do mundo que, ao se colocar no lugar do outro, poderá se sentir ameaçado de que algo aconteça próximo ou com algum ente querido.

É notável como a mídia tem mostrado o volume de acontecimentos relacionados a desastres e situações de emergência em todo o mundo nos últimos anos. Entretanto, os aspectos psicológicos dos sujeitos são temas ainda pouco abordados. Visto que o tema

era mais dedicado a áreas de estudos voltadas para as questões físicas dos desastres, como aspectos geográficos, climatológicos, até questões urbanas como o crescimento exacerbado de moradias, apontado pela defesa civil. Entretanto, existe um avanço no crescimento de estudos voltados para todas as áreas do tema, visto que o desastre atinge de forma direta e indireta a economia, o meio ambiente, o bem-estar social e psicológico das pessoas acometidas por situações de desastres. (ALBURQUERQUE, 2008 *apud* CARDONA, 1995).

Segundo o glossário de DEFESA CIVIL (1998, pg.52), conceitua Desastre como:

Resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais. Os desastres são quantificados, em função dos danos e prejuízos, em termos de intensidade, enquanto que os eventos adversos são quantificados em termos de magnitude.

Brasil (2010) A Defesa Civil é “conjunto de ações preventivas, de socorro, assistenciais e recuperativas destinadas a evitar desastres e minimizar seus impactos para a população e restabelecer a normalidade social”.

A forma de mensurar o grau da intensidade de um desastre, segundo a Defesa Civil, (1998) é a vulnerabilidade do sistema receptor, sendo avaliado seguindo alguns critérios como a necessidade e disponibilidade de recursos que a área afetada necessita para voltar à situação de normalidade.

Podendo ser classificado quanto à intensidade em quatro níveis que vão desde os desastres de pequeno porte, àqueles cujos prejuízos causados são mais fáceis de superar e suportar pela comunidade afetada, e pode ir até o nível IV de desastre de muito grande porte ou intensidade, que seriam as situações que apresentam dificuldades de superação pela comunidade, pois esta ainda que bem instruída e acolhida, muitas vezes tem a necessidade da ação dos três níveis do SINDEC- Sistema Nacional de Defesa Civil e a depender, ajuda também internacional.

Werlang e Paranhos (2015) apontam que o Brasil não é um país com um potencial para grandes catástrofes causadas pela natureza, como em muitos países que ocorrem furações, tornados, terremotos que os obrigam a se precaver com ações antes, durante e após o evento. E, ainda conforme as autoras, isso tende a causar a falsa sensação que o Brasil está livre desses abalos e não cria um plano de prevenção para os principais riscos do

país, como o crescimento exacerbado da população, levando em consideração o crescimento urbano como o maior desafio do século XXI.

No dia 2 de julho de 2010, foi regulamentada uma Medida Provisória nº 494 na qual o Sistema Nacional de Defesa Civil – SINDEC, reconhece que em situação de emergência e estado de calamidade pública é de conhecimento da Defesa Civil a responsabilidade de disponibilizar recursos para ações de socorro, assistência às vítimas, restabelecimento de serviços essenciais e reconstrução nas áreas atingidas por desastre, bem como outras providências, Brasil (2010).

Brasil (2014), é importante ressaltar que a população afetada possui direitos assegurados de proteção em casos de Desastres, sendo um dos critérios para ser avaliado se o Município está dentro do plano de Contingência de Proteção à Defesa Civil. As ações precisam definir desde o atendimento médico-hospitalar e psicológico aos atingidos por desastre, conforme a Lei nº 12.983, “Art. 3º-A, § 7º, de 02 de Junho de 2014.

2.2 PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES

Franco (2015) salienta que em 2002 ocorreu o primeiro congresso de psicologia das emergências e dos desastres, localizado no Peru. Foi criada a Federação Latino-Americana de psicologia das Emergências e dos Desastres. A integração foi de aproximadamente nove países tendo em comum o objetivo de investigar e promover melhorias na qualidade do ensino e auxiliando por meio da geração de conhecimento da especialidade da Psicologia em Emergências e Desastres.

No Brasil, Carvalho e Borges (2009) abordam que o primeiro registro histórico da inserção do psicólogo nos estudos de desastres e emergência foi em 1987, em Goiânia, com o maior acidente radioativo do país, o Césio-137. Porém passaram-se muitos anos e não houve mudança, até que em 2006, com a iniciativa do Conselho Federal de Psicologia, ocorreu o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres, com a parceria da Secretaria Nacional de Defesa Civil.

Nesse mesmo momento, com a intenção de inserir e avaliar os elementos que seriam necessários serem incluídos na base curricular dos futuros profissionais que iriam contribuir com a Defesa Civil, foi realizada a 1ª Reunião Internacional por uma Formação Especializada em Psicologia das Emergências e Desastres.

No 1º Seminário de Psicologia das Emergências e dos Desastres, contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras, o CFP (2006), foi abordado de forma didática fases do desastre, sendo estas: Pré-impacto, impacto e pós-impacto; e enfatizada a fase do pós-impacto como fundamental, visto que, ainda que o Brasil não tenha um potencial para grandes catástrofes, temos os fenômenos naturais como secas, enchentes e inundações que atingem até grandes cidades como São Paulo e, ao não estarem preparadas, o impacto é muito grande.

“O Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil – SINPDEC poderá mobilizar o setor público e a sociedade civil para atuar em situação de emergência ou estado de calamidade pública, coordenando as ações de proteção e defesa civil” CFP (2013). O Código de Ética Profissional do Psicólogo aponta como um dos deveres fundamental, a prestação de serviços profissionais em situação de emergência.

Desta forma, os profissionais da psicologia que atuam nas mais diversificadas áreas das políticas públicas deverão realizar junto às comunidades, ações com o objetivo de trabalhar a percepção de risco, planos de evacuação, mobilização comunitária, sendo o objetivo reivindicar do poder público as intervenções estruturais necessárias.

Observa-se mais recentemente, um número crescente de estudos enfocando grupos e até mesmo comunidades inteiras atingidas por desastres. Caso bem recente foi o ocorrido com o terremoto na Indonésia que gerou um Tsunami, a partir do qual milhares de vítimas que sobreviveram vão precisar lidar com a situação do desastre natural, enfrentar suas perdas e adaptar-se a uma nova realidade a partir de sua nova condição caótica.

É perceptível que é uma área que vem crescendo, porém, ainda enfrenta muitas dificuldades para se ter acesso aos conhecimentos. As pesquisas existentes são recentes principalmente no Brasil. Precisamos expandir ainda mais esse tema para que muitos países e profissionais estejam dispostos a realizar atividades que promovam bem-estar a sociedade de modo geral.

Quando falamos sobre cuidados psicológicos em casos de emergências e desastres Simmer et al (2017) salienta:

Quando entramos em uma situação de emergência é importante deixar claro que não vamos chegar querendo solucionar o sofrimento do sujeito, não vamos encontrar resposta para as perguntas que ele tem inicialmente. Vamos conversar, escutar, respeitar essa pessoa e buscar junto com ela recursos para enfrentar essa situação.

O foco principal em eventos emergenciais é estar apto no auxílio das possíveis demandas que possam existir naquele contexto, ao psicólogo cabe, encontrar junto com a vítima respostas, estratégias, recursos que favoreçam esse indivíduo a dar um novo sentido para superar os possíveis traumas ocasionados.

Segundo Franco (2005) os desastres são diferentes dos traumas, possui um dano muito maior e necessita de um apoio diferenciado, são variáveis e não há possibilidade de prever o tempo em que as pessoas traumatizadas precisam para se recuperar. Existem fatores que podem auxiliar no processo da recuperação dessas pessoas que são os sistemas de apoio, especificamente o psicológico que utiliza o acolhimento e atenção levando em conta os cuidados a serem considerados primordiais, direcionados a trazer benefícios e reestruturação da vida desses indivíduos. A intervenção psicológica em emergência tem por objetivo principal reduzir o sofrimento causado pelo estresse. O método é focar em restaurar as capacidades adaptativas.

Paralelamente a isto, algumas perspectivas teóricas acerca do estresse e do coping têm desenvolvido uma visão mais social de como tais conceitos operam em termos de um processo coletivo, possibilitando discutir teoricamente uma alternativa de entendimento do coping de vítimas de desastres naturais, onde os teóricos propõem o conceito de coping coletivo.

O estresse e as estratégias de coping são dois importantes conceitos a se trabalhar com os indivíduos que passaram por desastres e eventos traumáticos.

2.3 AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO/COPING E O ESTRESSE

Até hoje não temos ainda no Brasil uma frase ou palavra para definir e/ou traduzir o sentido de coping, entretanto alguns teóricos da área consideram que podemos classificar como: lidar com; enfrentar ou adaptar-se. A sistematização do estresse e do coping em termos conceituais vem sendo feita há algumas décadas, quando este foi tomado como objeto de pesquisa no campo científico. Lazarus e Folkman (1984), ainda não tem um consenso acerca da definição dos termos que concilie todos os estudos no sentido de esclarecer estes conceitos.

Krum e Bandeira (2008) afirmam que o estresse compreende inúmeros processos e variáveis. Sendo assim, o arcabouço teórico adotado para entender esse conceito deve conter diversos níveis de análise que especifiquem os antecedentes, os processos e os resultados relevantes.

Já os teóricos Lazarus e Folkman (1984) conceituam o estresse psicológico como uma relação particular entre o indivíduo e o contexto ambiental, avaliada pela pessoa como indo além do que pode suportar, isto é, sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais e ameaçando seu bem-estar.

O coping surge como uma nova perspectiva. Esse processo instalado em função de uma ameaça ou perda real dos recursos promove os esforços realizados pelas pessoas em conservar, proteger ou reaver os elementos que valorizam e que agora não os tem mais. Estes esforços vão ao encontro do conceito de coping, considerando que estes dizem respeito ao modo como as pessoas lidam com dificuldades e situações estressantes, conforme visto nos parágrafos anteriores.

Os autores Suls, David e Harvey (1996) descrevem na literatura como conceito de coping – conjunto de estratégias utilizadas pelos indivíduos para enfrentarem circunstâncias adversas e para que elas possam vir a se adaptarem. Na busca por um melhor entendimento da estrutura e funcionamento do coping, surgiram modelos explicativos onde se destaca o “Modelo de Processamento de Stress e Coping” de Lazarus e Folkman (1984) que compreende, segundo os autores, as seguintes ideias:

(a) coping é um processo orientado e não uma característica, que ocorre na interação entre indivíduo e ambiente;

(b) como processo, constitui-se na mobilização de esforços e não na automatização de comportamentos ou pensamentos, os quais não exigem empenho do sujeito;

(c) como esforço na administração de situações estressantes, permite incluir tudo que a pessoa faz ou pensa independente de ser eficaz ou não, o que exclui a noção de resultado e,

(d) como administração de situações estressantes, não considera o controle ou domínio, mas sim a minimização, a evitação, a tolerância ou a aceitação do evento estressor.

A partir disso coping é definido como os constantes e mutáveis esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelo indivíduo para lidar com demandas internas e/ou externas específicas, caracterizadas como estressores, ou seja, que sobrecarregam ou excedem seus recursos pessoais.

As características desta abordagem para os autores Lazarus e Folkman (1984), pressupõem observar e avaliar o que a pessoa realmente pensa ou faz e não o que ela costuma fazer na situação proposta. Esta circunstância precisa ser examinada dentro de

um contexto específico, pois os pensamentos ou ações do coping são sempre direcionados a condições particulares.

Para avaliar e entender o processo de coping é preciso saber com que o sujeito está lidando. Quanto mais definido e focal for o contexto, mais fácil é ligar um ato ou pensamento exclusivo de coping a uma demanda e sua situação.

Além disso é preciso considerar o coping como um processo de transformação, no qual as estratégias utilizadas em determinado momento podem não ser as mesmas das avaliadas como adequadas ao enfrentamento de outra situação. Nesse sentido, implicam a avaliação, a interpretação e a representação do fenômeno percebido e a reavaliação em função das mudanças ocorridas na relação com o indivíduo, para que este indivíduo possa dar continuidade à sua vida sem grandes sofrimentos.

Krum e Bandeira (2008) salientam que existem as estratégias focadas no problema que são responsáveis por reconstituir esforços para atuar no fator que foi o causador do estresse gerando assim meios alternativos para a resolução do problema. A ação pode ter a direção para a reestruturação cognitiva ou pode partir para a direção ambiental tendo como foco atuar na resolução de um problema interpessoal.

Segundo Krum (2007) as perdas e traumas que adquirimos por fatores externos ocasionam dificuldades em adaptar-se a um novo contexto. O descomprometimento na execução de coping é supostamente derivado do aumento de sofrimento psicológico. Os eventos estressores causam grandes prejuízos e dificuldades em manter equilíbrio emocional e psicológico.

Simmer et al. (2017) considera o enfrentamento como um aspecto particular de cada ser humano. Cada um vivencia, enfrenta e traça estratégias da sua maneira, de forma singular. Falar sobre coping é adaptar-se a um nosso contexto, enfrentando suas dificuldades e desenvolvendo táticas para lidar de uma melhor maneira com os eventos estressantes. As estratégias de enfrentando estão presentes como mecanismos de defesa, e são um suporte em busca de alternativas para encontrar soluções relevantes para os problemas existentes.

3 MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão de literatura; uma pesquisa qualitativa e exploratória que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados e tem com o foco na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, com o objetivo de

produzir novas informações, (Gerhardt e Silveira, 2009). Foram usados livro e artigos científicos com os temas relacionados aos objetivos da pesquisa, através de busca detalhada, usando palavras chaves, como Coping e Psicologia das Emergências e Desastres, que foram encontrados no Google Acadêmico, Scielo, revistas acadêmicas, como Ciência e Profissão, nas páginas do CFP e da Defesa Civil, cruzando conceitos desde 1984 com Lazarus e Folkman até os mais recentes de 2017 com Simme, Machado e Moraes. Também foram usadas algumas obras como o livro e artigos de Franco e artigos como os de Werlang e Paranhos e tantos outros que apresentaram grande relevância e proximidade com o tema trabalhado nesse artigo.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Dentre todo o material pesquisado para o presente trabalho, foram encontrados 14 artigos sobre Psicologia das emergências e desastres estratégias de enfrentamento/coping. Para melhor compreensão e análise do material encontrado, serão apresentados em separado.

4.1 A PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES E SUA ATUAÇÃO

A partir da análise dos artigos pesquisados, encontramos definições dos conceitos do tema proposto sobre o ponto de vista de vários autores. Entretanto encontramos muita dificuldade, pois não há artigos sobre coping nos casos de Emergência e Desastres. Apesar do conceito de Coping ser da década de 70, os psicólogos não pesquisam sobre.

Conforme Torlai (2010) O enfrentamento pode ser definido como constantes e mutáveis formas de esforço cognitivos e comportamentais, que os sujeitos usam para enfrentar demandas internas e ou externas que tendem serem as que excedem os recursos pessoais de cada sujeito.

Segundo Machado e Moraes (2017), nem todo acontecimento tende a causar o mesmo nível de impacto para todos. Alguns precisam de um tempo maior para processar, pois a representação do desastre é derivada do sentido que essa situação tem para o sujeito, sendo formada a partir das suas experiências particulares e coletivas e o contexto da situação, faz parte da biografia da vida do sujeito.

Complementando ainda essa visão a autora Krum (2007), aponta que as questões que envolvem, a interação das pessoas ao lugar, a história vivida, do tempo, dos bens

materiais, da vivência com a comunidade, em uma situação de desastre, a magnitude do evento em si não é o que importa, mas sim o sentido que as pessoas atribuem ao contexto social que estão inseridos.

Não existe uma estratégia de enfrentamento específica como eficaz para todos, é muito subjetivo para cada sujeito, mas o psicólogo tem como uma das funções avaliar quais as estratégias de enfrentamento que estão sendo usadas pelo sujeito afetado e interpretar com base nas representações cognitivas que o fenômeno em si causa mudanças no sujeito, visto que cada pessoa tem recursos próprios, sendo pessoais e/ou sociais, variando conforme a história de cada um, conforme, Simmer et al (2017).

Franco (2005, p.108) afirma que "como as reações a um desastre são muito variáveis, não é possível prever o tempo de que as pessoas traumatizadas necessitam para se recuperar." E vai mais além ao dizer que há alguns fatores que podem contribuir ou impedir a recuperação destas pessoas, como a existência de sistemas de apoio dentro e fora da comunidade envolvida, o que ressalta a importância de apoio psicológico especificamente dirigido a estas necessidades.

4.2 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO FORTALECIMENTO ÀS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO/COPING

Conforme Werlang e Paranhos (2015) apontam, a área de atuação do psicólogo em situação de emergência e desastres é ainda muito recente no Brasil e está se consolidando com o desempenho dos Conselhos Regionais de Psicologia, que tem se preocupado com a formação dos futuros profissionais, desenvolvendo palestras, cadernos temáticos e tentando inserir o tema Desastres e Emergência na grade curricular da formação dos novos psicólogos. Sendo que foi justamente essa deficiência na grade curricular, que nos motivou o interesse da pesquisa, mas que infelizmente muitos psicólogos ainda se formam sem se quer saber dessa grande e relevante área de atuação e os poucos que sabem, desconhece o leque de possibilidade de trabalho.

Ainda conforme as mesmas autoras, Werlang e Paranhos (2015), nos alertaram para um outro ponto negativo da pesquisa, que foi mais uma vez nos deparamos com a visão de atuação do psicólogo apenas no tratamento do sofrimento e ou adoecimento psíquico já instalado no sujeito, sendo que uma atuação de extrema importância começa muito antes,

na promoção de saúde, também pouco pesquisada. O foco do trabalho dos agentes que atuam no setor deve estar voltado prioritariamente para a prevenção e a Psicologia tem grande relevância em todas as fases de ação.

Na fase do pré desastres ou preparação, o psicólogo pode contribuir na elaboração de projetos didáticos e pedagógicos, descrevendo as possibilidades de práticas preventivas, percepção de risco, agindo com a psicoeducação na educação ambiental, expondo em escolas, associações de moradores e outros locais de maior acesso com a comunidade em questão, com o objetivo de trabalhar com a percepção dos riscos, dando autonomia para que ajam conforme as possibilidades de cada um, para administrarem o risco e tentarem minimizar os efeitos de um, possível desastre quando não for possível ser evitado. Santos e Melo (2011).

O psicólogo é fundamental no que tange o desastre e pós desastre, sim, claro, porque nesses momentos, o objetivo das intervenções é conter ansiedades, auxiliar na descarga emocional, validar as perdas, provocar a significação do que está sendo vivenciado pelo indivíduo, organização psíquica, favorecer atitudes participativas, promovendo a solidariedade entre as pessoas, a busca da informação, de direitos.

Conforme Krum (2007), o acolhimento é para todos, o que resulta a uma aproximação mais natural com a comunidade, mas somente alguns dos afetados irão trazer demandas e é justamente no primeiro contato com eles que será possível identificar se alguém está com algum comprometimento, para uma maior intervenção. E os demais o psicólogo poderá trabalhar com a psicoeducação, em conscientizar o sujeito para se auto perceber e ainda que com o passar do tempo se depare com algum desconforto fora do controle pessoal, que procure ajuda, instruindo os locais da rede de apoio existentes.

Foi muito rico perceber a atuação da psicologia em parceria com a Defesa Civil, visto que já é reconhecida como essencial para o trabalho junto à equipe e tem grande participação desde a contribuição da construção de políticas de defesa civil, até atuação junto a equipe no cenário do desastre.

Ressaltamos a importância de o profissional de psicologia estar inserido em políticas públicas, na rede de assistência do SUS, atuantes no CRAS, CREAS, Centros Pop, dentre outros, porque uma vez que ocorra um evento de situação de emergência e desastre, os psicólogos que já trabalham naquela comunidade, conseguem ter mais acesso a pessoas devido ao vínculo já construído de confiança com alguns.

O psicólogo que atua no cenário de Emergência e Desastre necessita saber um pouco de todos os campos da própria psicologia, como a área de comunitária, psicologia social, bem como para melhor compreensão de atuação com grupos, de desenvolvimento humano, saber como intervir em diferentes faixas etária, a depender do local, um pouco da organizacional, para ajudar com equipe, gestão de novos voluntários, lideranças e também da área clínica, escuta qualificada do sujeito.

O psicólogo poderá contribuir na construção de políticas públicas, conforme aponta Melo e Santos (2011), juntamente com outros profissionais envolvidos e auxilia os afetados a correrem atrás dos seus direitos já estabelecido ou até mesmo ser o porta voz, mediador da comunidade até determinados os órgãos de proteção, bem como Defensoria, Centros de Referencias, Promotoria, Ministério Público dentre outros.

Por fim, é percebido que muito há ainda a ser pesquisado em relação à prática dos psicólogos no cenário de emergências e desastre, pois ainda não há um número significativo de trabalhos publicados e nem de profissionais atuantes nesse meio, mas como a psicologia da Emergência e desastres tem com o passar dos anos se solidificando e demonstrando ser extremamente necessária nesse cenário. Acreditamos esperançosos em uma maior participação dos profissionais, sendo esse um dever de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os artigos e livros pesquisados, passamos a identificar o quanto essa área da Psicologia ainda se encontra escassa. Apesar da Psicologia trazer estudos inovadores nessa área, ainda existe uma preocupação internacional no que se refere a Emergências e desastres. Por ser um campo novo, há pouca literatura não existem artigos que forneçam informações relevantes que utilizem a ligação entre estratégias de enfrentamento- Coping e psicologia de emergências e desastres. É um conceito antigo, porém de difícil acesso.

O objetivo principal desse artigo tem referência sobre a relevância das estratégias em casos de emergências e desastres, verificando as estratégias de enfrentamento em como os sujeitos lidam com essas situações, se existe algum suporte, seja familiar ou social e como o psicólogo contribui nesses casos. Salientamos que o objetivo desse trabalho foi alcançado.

O psicólogo tem contribuído no fortalecimento das estratégias de enfrentamento dos sujeitos acometidos por tais situações. Visto que nem todo acontecimento gera o mesmo impacto para todos os sujeitos, sendo assim foi possível verificar a importância do olhar singular para cada um, levando em conta o contexto de vida, biografia, cultura que cada um traz e analisar quais as estratégias de enfrentamento podem ser trabalhadas, respeitando o tempo e espaço de cada sujeito. É importante perceber como o papel do psicólogo tem contribuído junto a Defesa Civil e toda equipe multidisciplinar, que por um lado, infelizmente ainda que os próprios psicólogos não possuam total conhecimento da gama de possibilidades de atuação e alguns até mesmo desconhecem a atuação diante desse contexto.

Ressalva-se que não cabem abordagens teóricas, especializações para trabalhar em um evento, muito pelo contrário, cabe ao psicólogo a vontade de acolher e ser um agente de contribuição no contexto de Emergência e Desastre. É válido que o profissional se empenhe a buscar informações de áreas diversas, conhecer sobre políticas públicas redes de apoio já disponíveis e ter conhecimento de saberes do próprio campo de conhecimento, seja psicologia social, comunitária, clínica, dentre outras. Portanto, este estudo contribui na obtenção de conhecimento e auxílio nos estudos científicos, facilitando a compreensão da sociedade sobre o tema e possibilitando que novas ideias sejam colocadas em prática.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. J. B. **A psicologia social dos desastres: existe um lugar para ela no Brasil.** São Paulo: Coletâneas da ANPEPP. (1997).

FRANCO, Maria Helena Pereira. **A Intervenção Psicológica em Emergências: Fundamentos para a prática.** São Paulo, 2015.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **Atendimento psicológico para emergências em aviação: A teoria revista na prática.** 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2005000200003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em 10 de novembro de 2018.

GERHARDT , Tatiana Engel . SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOBFOLL, S. E. **Estress, cultura e comunidade: A psicologia e filosofia de estress.** New York: Plenum Press, 1998.

KRUM, F. M. B.;Bandeira, D. R. **Enfrentamento de desastres naturais: uso do coping coletivo**. Paidéia, 18 (39), 73-84, 2008.

KRUM, Fernanda Menna Barreto. **O impacto e as Estratégias de Coping de indivíduos em Comunidades afetadas por Desastres Naturais**. Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14286/000661780.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 06 de novembro de 2018.

LAZARUS, R. S; FOLKMAN, S. **Estresse, avaliação e enfrentamento**. New York: Springer. 1984.

MELO, Cecilia Araújo; SANTOS, Felipe Almeida dos. **As contribuições da psicologia nas emergências e desastres**. São Paulo. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092011000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 24 setembro de 2018.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS REGIONAIS DEPARTAMENTO DE DEFESA CIVIL. **Glossário de Defesa Civil Estudos de Riscos e Medicina de Desastres**. Brasília, 1998, pg.52.Disponível em: <<http://www.defesacivil.mg.gov.br/images/documentos/Defesa%20Civil/manuais/GLOSSARIO-Dicionario-Defesa-Civil.pdf>>. Acessado em 28 de outubro de 2018.

NASCIMENTO, A. S. et al. **Da prevenção á recuperação: O enfrentamento às situações de Emergências e Desastres**. Disponível em: <http://crp16.org.br/wp-content/uploads/2017/03/livro-final-24-01-17.compressed.pdf> Acessado em 07 de novembro de 2018.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº 12.983, de 2 de junho de 2014**. Disponível em:<Brasil 2014 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12983.htm>. Acessado em 19 de novembro de 2018.

SULS, J., David, J. P; HARVEY, J. H. **Personalidade e enfrentamento: três gerações de pesquisa**.1996.

WERLANG E PARANHOS. **Psicologia nas Emergências: uma Nova Prática a Ser Discutida**. Psicologia: ciência e profissão, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n2/1982-3703-pcp-35-2-0557>. Acessado em 24 de set. 2018.